

Lisboa, 13 Abril, 1982.

Meu prezado Amigo

Chegado de uma estadia de quási 3 meses no Brasil, só agora posso dar resposta aos esclarecimentos que me pede na sua carta de 25 de Março, acêrca do oratório indo-português, de que em tempos lhe dei notícia.

Como felizmente tinha uma fotografia do oratório fechado, algumas das suas perguntas - natureza e forma das ferragens - ficam por si próprias respondidas.

Passo às seguintes:

- Dimensões , 0,61 cm. x 0,36 cm. x 0,18 cm. altura, largura no fundo e profundidade;
- A madeira não é teca. É bem mais leve;
- As portas à frente, fecham com macho e fêmea, como poderá talvez controlar pela fotografia do móvel aberto;
- O tampo do oratório mostra um sombreado mais claro que a restante superfície, em feitio de meia-lua perfeito, com 0,11x 0,22 cm. Penso que seria a base da cúpula que falta;
- A decoração exterior das portas é igual à interior, só que um pouco mais cansada, como se o oratório tivesse permanecido fechado por largo tempo, o que teria poupado a pintura interior;
- Nada sei sôbre a sua origem.

Durante a minha estadia no Brasil, recebi uma carta do Commissariado para a XVII Exposição Europeia de Arte, Ciência e Cultura, solicitando-me a cedência de 3 peças da minha colecção, para a referida exposição em 1983.

.../...

É óbvio que o farei com o maior gosto, tanto mais que não se trata de sugestão minha, pois não tenho o gosto de conhecer ninguém (que eu saiba) no referido Comissariado.

As peças solicitadas são as seguintes:

- Arqueta de gravadas com esferas armilares;
- Mêsã portátil com tampo gravado;
- Menino Jesus cingalês em marfim, séc. XVI/XVII.

Toda a minha vida tenho barafuscado contra os particulares e as reservas dos Museus, que mantêm as suas peças fechadas de forma que ninguém lhes ponha a vista em cima.

Assim tenho certa pena que a cama indo-portuguesa brasonada do séc. XVI, e eventualmente qualquer outra peça que me parece merecedora de figurar numa exposição cujo lema é "Os descobrimentos portugueses e a Europa do Renascimento", não tenha sido solicitada pelo Comissariado.

Mas, tal como não fui eu que propuz as outras 3 peças, não quero ter o ar de quem quer "impingir" a sua colecção para uma exposição que, indubitavelmente, lhe dará prestígio.

Muito me alegram as notícias que me dá acêrca do andamento do "Mobiliário Português". Oxalá o 1.^o volume, já composto e em provas, veja a luz do dia, brevemente, para deleite de todos os seus amigos e admiradores, ao número dos quais faço questão de pertencer.

Com a amizade de sempre, creia-me amigo certo e sempre ao seu dispôr.

João Simão Perry de Andrade

Lisboa, 1 de Outubro de 1981.

Meu querido Amigo

Aqui lhe mando as últimas fotografias que lhe tinha prometido pelo telefone, às quais me permito juntar algumas outras, que podem eventualmente ser de algum interesse.

Acerca da cómoda, que tem as dimensões de 1,12mx0,56m e 0,92m de altura, só me permito acrescentar que a sua estrutura visível é em pau-santo, assim como os espelhos e molduras das gavetas e moldura entalhada do tampo. A madeira restante parece-me vinhático. É de estranhar ser tam estreita, mas se foi mexida em tempos (talvez no restauro de 1926) é impossível agora notá-lo. Mesmo nas ilhargas não se nota qualquer sinal de ter sido cortada. Nem mesmo nos forros das gavetas. Como exemplar de transição, chega a parecer "trop beau pour être vrai".

Aproveito para lhe mandar as fotografias e uma transparência dum oratório indo-português dos séc. XVI-XVII, pela seguinte razão. Tive a sorte de comprá-lo, todo repintado com tinta de óleo verde. Ao decapá-lo, apareceu a pintura original, cansada e um pouco apagada por fora, intacta por dentro, e de uma beleza dificilmente igualável, como poderá verificar pela transparência.

Entre os capitéis das colunas, e o sôbre-céu, nota-se a falta de um elemento decorativo, que não sei qual fosse (talvez uma franja recortada em tecido!?!). Falta-lhe tambem o fundo, que seria de madeira pintado, existindo a calha em que o mesmo deslisava, para a introdução das imagens, que substituí por um pouco de brocado.

Não vejo que tivesse tido cúpula, pois se a teve, deve já tê-la perdido há muito tempo.

As dimensões são as seguintes: Altura 0,62m, largura 0,37m, profundidade máxima 0,20m.

Na transparência verificará que lhe puz dentro um menino Jesus indo-português do séc. XVII, que não tem nada de notável, a não ser a peanha que é muito bonita, e as dimensões 0,25m de altura, 0,37m com a peanha.

Tambem lhe mando a fotografia dum Cristo indo-português do séc. XVII. De fora do habitual as dimensões; 0,60mx0,60m. A escultura, curiosamente, aprece diminuída na fotografia. O ângulo apanhado não foi feliz, pois vista ao natural é muito mais impressiva. O laço com que remata o saiote, é moderno e fora do estilo da época.

"Last but not the least" mando-lhe uma fotografia dum menino Jesus, cuja classificação lhe deixo, com 0,16m. Tem falta de um braço, e mesmo, o outro, duvido que seja de origem, se bem que feito há muito tempo, pois tem na mão e na primeira metade do ante-braço a mesma pintura que cara, o peito e os pés, pois tratava-se obviamente duma imagem que esteve vestida. Pormenor curioso, tem ao pescoço um colar, em que três das contas, estão substituídas por pequenas cruces, dum desenho muito parecido com o das cruces de Cristo.

E, por agora não o importuno mais com as minhas considerações pessoais, dum atrevimento que só a ignorância pode perdoar.

Com os melhores desejos de saúde para si, creia-me
amigo certo e sempre ao seu dispor

João Maria Pereira









RESTAURADA A. MATEUS DE JESUS CANEAS 1926



RESTAURADA A. MATEUS DE JESUS CARREIAS 1926

